

## **Dois contos e um poema de Lars Saabye Christensen**

*Grete Skevik<sup>1</sup>*

Tenho profunda admiração pela extensa obra de Lars Saabye Christensen, um dos escritores mais versáteis e premiados da Noruega. Ele escreve sobre os marginais da sociedade e sobre os conflituosos anos da adolescência, narra acontecimentos que vão do cotidiano ao improvável e traça a relação entre a vida e a mentira numa linguagem perspicaz, com um olhar sempre humano e sem amargura.

Creio que apenas um dos seus romances foi publicado no Brasil, *O meio-irmão*, na tradução de Francis Henrik Aubert.

Entre tantos contos, me tocaram em especial *O semeador* e *Retrato*. O primeiro por traçar um elo poético entre o começo e o fim de uma vida, e pelo desfecho dado num simples tempo verbal. O segundo, pelo retrato sensível de um instante que se expande no olhar jovem pela lente de uma câmera, captando o tempo que não se deixa captar.

Como nos dois contos, no poema “O cabelo da minha vó”, o autor novamente tece belos fios do tempo através de um olhar jovem.

Os desafios encontrados na tradução desses contos são aqueles que fazem parte do dia a dia do tradutor, que coloca palavras na balança de ouro que queremos precisa, mas onde sempre haverá uns quilates a mais ou a menos num dos

---

1 Grete Skevik nasceu e cresceu na Noruega. Chegou ao Brasil em 1974, onde trabalhou como professora de idiomas, intérprete e tradutora. Em 2007 traduziu *O Livreiro de Cabul* de Åsne Seierstad (Editora Record), indicado ao Prêmio Jabuti 2007 na categoria “Melhor Tradução”. Outros autores traduzidos incluem Jo Nesbø e Tore Renberg (para o português) e Paulo Coelho, José Luiz Passos e Cristovão Tezza (para o norueguês).

lados. Aparece no desfecho do conto *O semeador*, por exemplo, a palavra “forundret”, um misto de ficar surpreso, admirado e pensativo, (do verbo *undre* – “coçar a cabeça, pensativo”) e *under* (maravilha), que traduzi com “maravilhado”, tendo que desistir do toque de perplexidade e questionamento que equilibraria os dois pratos da balança.

No poema “O cabelo da minha vó” há outra perda já no título – no original, *Farmors hår*. *Farmor* é a mãe do pai, uma informação ausente em *Minha vó*; mas aqui, o sentido faz menos falta do que a elegante sonoridade do original.

## Såmannen

*Lars Saabye Christensen*

Andors drøm var endelig gått i oppfyllelse. Han stod i andre etasje i Van Gogh-museet i Amsterdam, rett foran *Såmannen*, det berømte maleriet, som faren hadde vist ham en gang, en grå, kornete reproduksjon, gjengitt i Norsk Landbruk, 1936, og faren hadde pekt på den uklare, skjeve skikkelsen på bildet, selv såmannen, og sagt: - Det er oss, det, Andor. Og sammen kveld tok faren ham med ut, til den bratte åkeren mellom havet og himmelen, det var i midten av mai, lyset var tjukt og gult og fikk alt som rant og dryppet til å ligne flytende gull og det luktet sterkt, fra fjæra og fuglene, fra det blanke gresset og sauene, fra de sorte rendene som var såmennenes bølger. De stanset der og faren sa til sønnen: - Legg øret ned til bakken. Og Andor gjorde som faren sa, han pleide å gjøre det, han knelte og la øret mot den fuktige bakken. Faren lot ham ligge slik en stund. Til slutt boyde han seg også og hvisket: - Hører du jordens musikk, Andor? Hører du den?

Så gikk de hjemover igjen, langs den smale stien forbi åkeren, faren først, Andor rett bak, redd og famælt, for han hadde ikke hørt noe, ikke en lyd, jorden hadde vært taus mot øret hans og han turte ikke si det

Bare farens ord klang i ham: Det er oss det, Andor.

Og den natten, mens han lå våken og ikke kunne sove, bestemte han seg. En gang måtte han se Vincent van Goghs maleri, *Såmannen*, han måtte se bildet, i det som heter virkeligheten.

Siden la Andor et helt liv bak seg.

Så mye skjedde og det ble aldri tid nok til alt.

Faren døde før han rakk å se bruket bli nedlagt. Like etter fulgte moren ham, som om de var festet til den samme livsnerven, de samme hjerteslagene.

Ingen gikk lenger i land her og heller ingen kom over fjellet.

Bare stillheten ble.

Stien langs åkeren grodde sakte men sikkert igjen.

Fire vinder blåste hver natt gjennom huset og fylte de forlatte rommene med regn og salt.

Et skinnende sauekranium lå i det tørre, gule gresset.

Andor reiste sørover, til byen, og fikk jobb som kelner i en kafé like ved elven hvor han bar brett med ølglass og serverte dagens til gjester han var på fornavn med og ikke kjente.

De ble også borte, én etter én.

Bordene i det mørke lokalet stod snart tomme. Kafeen skiftet eiere som kalte den bistro i stedet, bygget bardisk og dansegulv, hengte en lampe av sølv i taket og ga Andor sparken.

Han fikk beholde den hvite jakken, men hadde ikke bruk for den.

Fra vinduet der han bodde kunne han se elven renne forbi.

I fem år leverte han inn den samme tipperekken, og da Mjølner slo Lyn i siste ligakamp, vant han 3.970 kroner.

Han visste hva han skulle bruke de pengene til.

Han reiste ikke hjem til det som ikke lenger fantes.

I slutten av oktober reiste Andor til Amsterdam

Og nå stod han i Van Gogh-museet foran *Såmannen*.

Først ble han forundret over at bildet var så lite. I drømmene hadde han sett for seg et lerret større en alt han hittil kunne se. Så var han mest forundret over fargene. Men Andor var ikke skuffet. Han var bare forundret og lykkelig. For slik var dette bildet, i det som heter virkeligheten, og han kjente seg igjen:

Himmelen er grønn. Åkeren er blå. Og med solen som en glorie kommer den sorte såmannen nærmere.

Det er slik det er.

Det er oss, det, Andor.

Han var like ved å strekke ut hånden for å berøre bildet.

Andor måtte sette seg.

Midt i salen var det en benk og der satte han seg.

Det gikk mennesker forbi ham hele tiden. De snakket lavt sammen og i en høyttaler kom beskjeder han ikke forstod. Det gjorde ikke noe. Åkeren var blå og himmelen grønn. Andor var lykkelig.

Andor var lykkelig og forundret.

Og alt ble helt stille rundt ham.

Stemmene, klikkene i fotografiapparatene, skrittene, latteren, det sank, det forsvant.

Andor så opp, i denne stillheten, som nå var blitt grå og kornete.

Og endelig hørte han den, jordens musikk, som om han bare var et barn og lå med øret mot den fuktige bakken.

Da vaktene gikk den siste runden, så de denne gamle mannen som fremdeles satt på benken, i Arles-salen, lutende, smilende, og en av dem gikk bort til ham, bøyde seg ned og sa på et språk Andor ikke kunne, men likevel ville forstått:

– De må gå nå. Det er stengt her.

## O semeador

*Lars Saabye Christensen*

Tradução do norueguês:

Grete Skevik

O sonho de Andor finalmente se tornara realidade. Ele estava no segundo andar do museu Van Gogh em Amsterdã, diante do quadro *O semeador*, a famosa pintura que o pai certa vez lhe mostrara, uma reprodução cinzenta e granulada publicada na revista Agricultura Norueguesa, de 1936, e o pai apontara para a figura torta e obscura no quadro, o semeador, dizendo:

– Somos nós ali, Andor.

E na mesma noite o pai o levou para o campo, para a lavoura íngreme entre o mar e o céu, era meados de maio, a espessa luz amarela fazia tudo que escorria e pingava parecer ouro derretido, e um cheiro forte vinha da maresia e dos pássaros, da relva lustrosa e dos carneiros, e dos sulcos pretos, as ondas dos semeadores. Pararam ali e o pai disse ao filho:

– Encoste o seu ouvido no chão.

Obediente, Andor fez como o pai pediu, se ajoelhou e encostou o ouvido no chão úmido. O pai o deixou assim por algum tempo. Por fim, ele também se ajoelhou e sussurrou:

– Está ouvindo, Andor? Está ouvindo a música da terra?

Depois eles voltaram caminhando pela trilha estreita que beirava a lavoura, o pai primeiro, Andor logo atrás, aflito e de poucas palavras, porque não ouvira nada, nenhum som, a terra se calara no seu ouvido, e ele não tinha coragem de dizer.

Ressoavam nele apenas as palavras do pai:

– Somos nós ali, Andor.

E naquela noite, enquanto tentava em vão dormir, ele se decidiu. Algum dia teria que ver a pintura de Vincent van Gogh, *O semeador*, ele precisava ver aquele quadro, na chamada realidade.

O tempo passou, e Andor deixou uma vida inteira atrás de si.

Aconteceram muitas coisas e nunca houve tempo para tudo.

O pai morreu antes de ver o fechamento da pequena fazenda. A mãe o seguiu logo depois, como se os dois estivessem atados ao mesmo nervo vital, às mesmas batidas do coração.

Ninguém chegava mais pelo mar, ninguém chegava pela montanha.

Só restou o silêncio.

A vegetação cresceu e foi cobrindo a trilha que beirava a lavoura.

Quatro ventos sopravam pela casa toda noite, enchendo os cômodos abandonados de chuva e sal.

Um crânio de carneiro reluzia na relva amarelada e seca.

Andor foi para o sul, para a cidade, onde arrumou emprego de garçom num café à beira do rio, carregando bandejas de chope e servindo o prato do dia a fregueses que ele chamava pelo nome, mas que não conhecia.

Eles também se foram, um após o outro.

As mesas do recinto escuro ficaram vazias. O café trocou de donos, que o chamaram de bistrô, construíram um bar e uma pista de dança, penduraram um lustre prateado no teto e mandaram Andor embora.

Ele ficou com o paletó branco, mas aquilo não lhe serviu para nada.

Da janela onde morava, ele via o rio passar.

Por cinco anos repetiu a mesma aposta na loteca, e quando o Mjølner venceu o Lyn no último jogo do campeonato ele ganhou 3.970 coroas.

Ele já sabia o que fazer com o dinheiro.

Não voltou para casa, para o que não havia mais.

No final de outubro, Andor foi a Amsterdã.

E agora estava no museu Van Gogh, em frente ao *Semeador*.

Primeiro estranhou o tamanho pequeno do quadro. Nos seus sonhos imaginara uma tela maior do que tudo que já havia visto na vida. Depois estranhou as cores. Mas Andor não ficou desapontado. Ele estava maravilhado e feliz. Porque o quadro era assim, na chamada realidade, e ele se reconheceu:

O céu é verde. A lavoura é azul. E, com o sol parecendo um halo, o semeador chega mais perto.

É assim.

Somos nós ali, Andor.

Ele estava prestes a estender a mão para tocar o quadro, mas tinha que se sentar.

No meio da sala havia um banco onde Andor se sentou.

As pessoas passavam por ele o tempo todo, conversando baixinho, e um alto-falante transmitia comunicados que ele não entendia. Ele não se importou. A lavoura estava azul e o céu, verde. Andor estava feliz.

Andor estava feliz e maravilhado.

E tudo em torno dele silenciou.

As vozes, os cliques das câmeras, os passos, os risos, tudo se desvaneceu.

Nesse silêncio, já tornado cinzento e granulado, Andor levantou o olhar.

E finalmente ele a ouviu, a música da terra, como se fosse criança e estivesse com o ouvido encostado no chão úmido.

Quando os guardas fizeram a última ronda, descobriram o velho ainda sentado no banco, na sala Arles, encurvado, sorrindo, e um deles se aproximou, inclinou-se sobre ele e disse, numa língua que Andor, mesmo sem conhecer, teria entendido:

– O senhor tem que sair. Já fechamos.

## Portrett

*Lars Saabye Christensen*

Jeg kan huske dette: da jeg for første gang så gjennom en kameralinse, min fars fotografiapparat, et Leica fra 1954, gikk det opp for meg, i all min gru, at øynene sjeldent, eller aldri er til å stole på. Jeg hadde hittil alltid funnet meg på den andre siden, jeg var den andre tok bilder av og viste fram i selskaper og på fødselsdager, en lek jeg helst ikke ville være med på. Slik var bildene av meg: om sommeren på badestranden, jeg smiler, selvfolgelig gjør jeg det, men på ryggen har jeg et myggestikk som klør og som jeg ikke klarer nå med hånden. Jeg sitter ved brønnen, jeg smiler, men ingen vet at jeg ikke tør løfte lokket, for på undersiden er det fullt av edderkopper, og de kommer til meg om natta, med sine tynne bein trår de over ansiktet mitt og gjør meg blind. De som ser dette bildet tror jeg skal til å plukke villjordbærne som vokser der, ved brønnen, men de er ennå ikke modne, de er lysegronne og jeg bryr meg ikke om dem. Eller en påske, foran en kirke, kanskje på Hadeland, jeg lener meg mot stavene, har sola i øynene og sikkert et idiotisk flir, som får noen, de som blar i albumet, til å tro at jeg er lykkelig. For ikke å snakke om julafoten, der jeg sitter i en haug med papir og bak meg ligger fjorten kleshengere i plast og jeg trodde det var et modelltog i pakken, men på bildet tror alle jeg er fornøyd, en tante som så det sa til og med: Nå er han blitt voksen. Men helst vil jeg glemme klassebildene. Hver vår ble vi samlet opp i Urraparken, foran syrinbuskene, åtteogtjue elever i tre rekker, læreren ytterst til venstre og den utålmodige fotografen som prøvde å få oss til å stå stille, dette ene sekundet, men vi stod aldri stille, vi hadde alltid noe på gang, jeg stakk en finger i ryggen til Jonny, Jonny tok på läret til Ane, Ane skreik og lente seg mot Tobben, Tobben tråkka Gåsen på tærne og Gåsen sladra til læreren og læreren løp fram til fotografen, men da var det for seint likevel. Du står så ordentlig, sa tantene da de fikk se bildet neste høst, nesten som en kadett, og onklene klappet meg på skulderen og med den andre hånden stakk de en seddel ned i lomma mi og sa at nå var jeg blitt voksen, de kunne se det, på klassebildet fra 63. Alt dette hadde andre tatt bilder av, likegyldige hoydepunkter, som far kom hjem med, en måned eller to etterpå, som han la utover stuebordet og som vi lo av, der er vi, sa vi, er vi virkelig sånn, det er det verste. Og jeg innbiller meg at det alltid var regn når det skjedde, når filmene var fremkalt, det var høst, det var alltid høst, tror jeg, dræpene rant langs vinduet bak mor, og jeg forestilte meg at vi satt i en bil, vi var av sted, regnet sto mot frontruten, men vindusviskerne var ødelagt, snart så vi ingenting og til slutt kjørte vi inn på en sidevei, parkerte der og det var ikke mer å se. Men nå var det jeg som holdt fotografiapparatet, det var en sommer, en ettermiddag i en hage ved Oslofjorden. I det tynne, nesten gule gresset, lå bocciakulene, røde, hvite, blå, noen hadde glemt igjen en badmintonracket, sannsynligvis en onkel, og en flue klætret oppover et pølterglass som kanskje den samme onkelen hadde satt igjen på trappen da han skulle

nå båten inn til byen. Jeg strammet musklene i nakken, prøvde å finne balansen, kloden beveget seg under føttene mine, badebuksa var for lengst tørr, den strammet, den klodde, var ikke noe å gjøre med nå, måtte stå helt stille, jeg var en gutt med et kamera, nå var det min tur til å ta bilder. Men det jeg så gjennom linsen var kornet og utydelig, grå skygger, ugenkjennelige. Så vred jeg på søkeren, og sakte, sakte trakk jeg verden til meg, sakte, men sikkert, kom mor og far til syne, ble skarpe, jeg kunne se den smale plasterlappen på fars hake, han hadde skåret seg i morges, på barberhøvelen, bannet lenge mens mor hysjet på ham. Jeg kunne se en føflekk på mors skulder, jeg hadde ikke lagt merke til den før, tydelig stod de der, under trærne, i det flimrende lyset av sol gjennom løv, far hadde armen rundt mor og begge vinket til meg, som om dette var en avskjed, de smilte og vinket. Så vred jeg litt for langt, og alt ble uklart igjen, som om kloden hadde tatt en for brå bevegelse, jeg ble svimmel, nesten sjøsyk. Jeg skrudde tilbake og fant fokus igjen, jeg kunne se at lillefingeren på mors høyre hånd var uten neglelakk, og at fars nye klokke var seks minutter over fem, nittende juli. Lysmåleren vippet opp og ned, solen stekte i nakken, det var vindstille, jeg hadde fingeren på utløserknappen, jeg trakk pusten, dypt, jeg kjente blodet slå i håndleddene, tungt, som torden, jeg kjente lukten av saltvann, flass, våte håndklær, skjell, sjostjerner, agn. Jeg skulle til å trykke, ta bilder, få det overstått, men da kom far plutselig nærmere, han tok et skritt fram, sa noen som jeg ikke hørte, så stilte han seg ved siden av mor igjen, holdt rundt henne. Jeg kunne høre et skip gli ut fjorden, jeg merket dragsuget helt opp hit. Og jeg tenkte at dette hadde vært en sommer som alle de andre, jeg hadde ennå ikke stupt fra det høyeste brettet, og jeg så at klokken på fars brune håndledd var blitt ni minutter over fem. Og nå begynte han å bli utålmodig, han trakk mor enda tettere inntil seg, smilende strammet i ansiktene deres, og jeg måtte tenke på hvor tiden hadde blitt av, disse minuttene, av denne sommeren, og en annen tanke slo meg, der jeg stod, med mor og far i fokus, om den tiden jeg bruker, kaster bort, om andre kan bruke den på ny? Og plutselig så jeg for meg juletreet på Universitetsplassen, når vi kom dit i desember og ga gamle klær til Frelsesarméen; en gang hadde jeg sett en utligger sprade rundt i en frakk som far hadde brukt året før. Jeg lukket venstre øye, men jeg kunne ikke kjenne dem igjen, foreldrene mine, de var blitt gamle, som to fremmede som hadde kommet inn i min hage. Jeg snudde meg, mot brønnen, og så, idet jeg tok bilder, at villjordbærene allerede var modne.

## Retrato

*Lars Saabye Christensen*

Tradução do norueguês:  
Grete Skevik

Me lembro disto: quando eu pela primeira vez olhei pela lente de uma máquina fotográfica, a do meu pai, uma Leica de 1954, fiquei chocado ao me dar conta de que os olhos raramente, ou nunca, são confiáveis. Até então, eu sempre estivera do outro lado, eu era aquele que os outros retratavam e mostravam em festas e aniversários, diversões das quais eu fugia sempre que podia. Meus retratos eram assim: no verão na praia, estou sorrindo, é claro que estou, mas nas costas tenho uma picada de mosquito, está coçando e não a alcanço com a mão. Estou sentado perto do poço, sorrindo, para que ninguém perceba que morro de medo de levantar a tampa, porque do outro lado ela está infestada de aranhas, que vêm me visitar de noite, e pisam com suas perninha finas no meu rosto, me deixando cego. Quem olhar essa foto vai pensar que estou prestes a catar uns morangos silvestres que crescem ali, em volta do poço, mas ainda não estão maduros, estão verde-claros e não estou nem aí para eles. Ou numa Páscoa, eu na frente de uma igreja, talvez em Hadeland, inclinado sobre os bastões de esqui, com o sol nos olhos e com certeza um sorriso idiota na cara, fazendo algumas pessoas, aquelas que folheiam o álbum, pensarem que estou feliz. Para não falar da noite de Natal, eu sentado no meio de um monte de papel de embrulho e quatorze cabides de plástico atrás de mim, eu que achava que na caixa havia um trem de brinquedo, mas na foto, todos acham que estou feliz, uma tia até chegou a dizer: ele já é um homem. Mas acima de tudo, quero esquecer as fotos com a turma da escola. Todo ano éramos reunidos no parque de Urra, na frente dos arbustos de lavanda, vinte e oito alunos em três fileiras, o professor no canto esquerdo, enquanto o fotógrafo impaciente tentava fazer com que ficássemos parados, naquele único segundo, mas a gente nunca parava quieto, estava sempre aprontando alguma coisa, usei o dedo para cutucar as costas de Jonny, Jonny pegou na coxa de Ane, Ane berrou e esbarrou em Tobben, Tobben pisou no pé de Gåsen, Gåsen o dedurou ao professor e o professor correu até o fotógrafo lá na frente, mas aí já era tarde demais. Que bela pose, disseram as tias quando olharam a foto no outono seguinte, parece um cadete, os tios me davam tapas nas costas, enfiando com a outra mão uma nota no meu bolso, dizendo que eu já era homem, dava para ver na foto da turma de 1963. Estes retratos foram tirados por outras pessoas, grandes momentos escolhidos a esmo, que meu pai trazia para casa um mês ou dois depois, e espalhava sobre a mesa de jantar, fazendo a gente rir, olha a gente aí, a gente

dizia, nossa, é assim que somos, que coisa. E eu tenho quase certeza de que sempre chovia nestas ocasiões, quando as fotos eram reveladas, sempre no outono, acho, gotas de chuva escorrendo pela janela atrás da mamãe, imaginei a gente num carro, passeando, a chuva batendo no para-brisa, mas os limpadores estavam quebrados e não dava para enxergar nada, daí entramos numa via lateral onde estacionamos, e não havia mais nada para ver. Mas agora era eu que segurava a máquina fotográfica, uma tarde de verão, num jardim à beira do fiorde de Oslo. Na grama fina, quase amarela, havia bolas de boccia vermelhas, brancas e azuis, alguém havia esquecido uma raquete de badminton, deve ter sido um tio, e uma mosca escalava um copo de uísque que talvez o mesmo tio tivesse deixado na escada antes de correr para pegar a barca para a cidade. Contraí os músculos da nuca, tentando encontrar o equilíbrio, o planeta se movia por baixo dos meus pés, a sunga, há tempo seca, apertava, coçava, mas não havia o que fazer, tinha que ficar imóvel, eu era um rapaz com uma câmera, era a minha vez de tirar fotos. Mas o que via pela lente era granulado e difuso, sombras cinzentas, irreconhecíveis. Então girei o anel de foco e devagar, bem devagarinho, trouxe o mundo para mim, pouco a pouco, lentamente surgiram mamãe e papai, bem definidos, eu podia ver o pequeno curativo no queixo do papai, ele havia se cortado de manhã com a lâmina de barbear, soltou um monte de palavrões, até mamãe fazer com que calasse a boca. Eu podia ver uma pinta no ombro da mamãe, nunca tinha reparado nela antes, estavam os dois nítidos ali, embaixo das árvores, na luz tremeluzente do sol que permeava a folhagem, papai com o braço em volta da mamãe, e os dois acenavam para mim, como se fosse uma despedida, sorriam e acenavam. Nesse momento girei demais e tudo ficou novamente embaçado, como se o planeta houvesse dado um tranco, fiquei tonto, quase mareado. Girei de volta e reencontrei o foco, podia ver que o dedo mindinho na mão da mamãe estava sem esmalte, e que o relógio novo do papai mostrava cinco e seis, dezenove de julho. A indicação do fotômetro oscilava para cima e para baixo, o sol queimava na nuca, não havia brisa, eu estava com o dedo no botão, respirei fundo, senti o sangue bater forte nos punhos, como um trovão, senti o cheiro de água do mar, caspa, toalhas molhadas, conchas, estrelas do mar, isca. Eu ia apertar o botão, tirar a foto, acabar logo com aquilo, mas aí de repente papai deu um passo à frente, chegou mais perto, disse algo que não ouvi e voltou para o lado da mamãe, pôs o braço em volta dela. Eu podia ouvir um navio deslizando fiorde afora e, lá do alto, até senti o redemoinho das ondas. Eu pensei que havia sido um verão como todos os outros, eu ainda não havia pulado do trampolim mais alto, e vi o relógio no braço bronzeado do papai marcar cinco e nove. Ele começou a perder a paciência, puxou a mamãe para mais perto de si, o sorriso plantado naqueles rostos me fez pensar onde o tempo teria ido, estes minutos, deste verão, e outro pensamento me ocorreu ali, com mamãe e papai em foco, será que o tempo que eu gasto, o tempo que jogo fora, pode ser usado de novo por outras pessoas? E subitamente me lembrei da árvore de natal na praça da Universidade, em dezembro, quando fomos lá para doar roupas usadas para o Exército da Salvação; uma vez eu vi um sem-teto andar por ali, se pavoneando com um casaco que meu pai havia usado no ano anterior. Fechei o olho

esquerdo, mas não os reconheci, os meus pais haviam envelhecido, como dois estranhos que tivessem entrado no meu jardim. Me virei, olhei para o poço e vi, no momento em que bati a foto, que os morangos silvestres já estavam maduros.

## Farmors hår

*Lars Saabye Christensen*

en sommer  
en morgen  
før fuglene og radioene  
og jeg er nesten naken  
jeg går ut av det hvite huset, i  
lukten fra havet, ennå hektet  
til en drøm som fikk meg til å våkne  
og jeg ser henne der, plutselig, foran  
trærne som siler det siste  
av natten som langsom te  
jeg står helt stille  
og ser farmor gre sitt hår  
og det faller som en grå bølge  
over mine øyne og hennes skuldre  
og rynkene i nakken og den krumme ryggen  
hun vet ennå ikke om meg  
jeg er en gutt i skyggen på en tram  
og jeg blir stående  
mens himmelen stiger  
gjennom regnet fra i går  
og farmor grer sitt hår  
med en kam av lys  
en sommer  
en morgen  
før noen har stått opp, bare farmor og  
jeg, som ser henne slik  
jeg aldri før har sett  
hun grer sitt lange hår  
med en kam av lys  
hun binder en knute av vind  
under en spenne av sol  
hun som mistet alle møblene i Marseille, som ble

sjøsyk i Lillebelt og reiste alene  
fra Hjørring til Kina, hun som aldri ville ha  
tretten til bords og drakk konjak  
med eggeplomme i hver søndag, snakket  
kinesisk til postmannen, norsk til hunden  
og dans i søvne  
og jeg står så taus som jeg bare kan, i en  
sverm av sekunder, i en storm  
av stillhet  
før resten av verden våkner  
mens farmor grer sitt hår  
med en kam av lys  
en sommer  
en morgen  
og i dette øyeblikk vet jeg  
at hun er yngre enn meg og jeg er  
eldre enn henne  
når hun snur seg sakte og ser  
en gutt i skyggen på en tram  
for han vil alltid huske henne  
og hun skal snart glemme ham

## O cabelo da minha vó

*Lars Saabye Christensen*

Tradução do norueguês:

Grete Skevik

um verão  
uma manhã  
antes dos pássaros e das rádios  
e eu quase nu  
abro a porta da casa branca, no  
cheiro do mar, mal saído  
do sonho que me fez acordar  
e a vejo ali, de repente, diante das  
árvore que filtram os restos  
da noite, como chá vagaroso  
fico imóvel  
olhando minha vó pentear o cabelo  
que cai como uma onda cinzenta  
sobre meus olhos e os ombros dela  
a nuca enrugada e as costas curvas  
ela ainda não sabe de mim  
sou um menino na sombra de uma porta  
e fico aí  
enquanto o céu sobe  
em meio à chuva de ontem  
e minha vó penteia o cabelo  
com um pente de luz  
um verão  
uma manhã  
antes dos outros se levantarem, apenas a vó e  
eu, que a vejo  
como jamais a vira  
penteando o longo cabelo

com um pente de luz  
fazendo um nó de vento  
sob uma presilha de sol  
ela que perdeu todos os móveis em Marselha, que ficou mareada em Lillebelt e viajou  
sozinha  
de Hjørring à China, ela que nunca queria ter  
treze à mesa e bebia conhaque  
com gema todo domingo, falava  
chinês com o carteiro, norueguês com o cachorro  
e dinamarquês ao sonhar  
e eu fico calado o quanto aguento, num  
enxame de segundos, numa tempestade  
de silêncio  
antes que o resto do mundo acorde  
enquanto a vó penteia o cabelo  
com um pente de luz  
um verão  
uma manhã  
e neste exato momento eu sei  
que ela é mais nova do que eu e eu sou  
mais velho do que ela  
quando ela se vira devagar e vê  
um menino na sombra de uma porta  
porque ele sempre se lembrará dela  
e ela em breve o esquecerá